

Depoimento da Janja

Começo dizendo que sou baiana, 46 anos, e treino capoeira desde 1981. Comecei como uma das fundadoras do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho/GCAP, na Bahia, inicialmente com os mestres Moraes e Cobra Mansa, e em seguida também com o mestre João Grande, quando este veio para o grupo, ficando conosco por vários anos antes de ir para os Estados Unidos. Fiz parte deste grupo por cerca de dezessete anos!

Naquela época eu cursava a faculdade de Educação Física, sendo este o meu primeiro curso universitário.

Conheci a capoeira fora da universidade e ela passou a produzir várias mudanças em minha vida. Uma delas foi a necessidade de fazer um outro curso universitário, já que a capoeira também foi a responsável por trazer para a minha vida a necessidade de mergulhar nos estudos sobre a população negra no Brasil. Assim, decidi fazer o curso de História, e de lá pra cá essas duas coisas fundiram-se e passaram a conduzir a minha vida até hoje, seja como capoeirista, como profissional, como acadêmica, como mulher...

As dificuldades enfrentadas naquela época diziam respeito às dificuldades por que passava qualquer jovem negra morando fora da sua cidade e de sua família (minha família mora em Feira de Santana) e tendo que conciliar aos estudos formas de sobrevivência. Neste caso, pesava de maneira desfavorável o fato de estudar numa universidade pública e ter aulas nos dois períodos, fato que me empurrava para o mercado de trabalho informal (transcrição e revisão de textos, artesanatos...) e muitas vezes noturno (garçonete, revisora de jornal...). Por outro lado não foi fácil conciliar estas dificuldades ao grau de exigências que tínhamos no GCAP, tanto do ponto de vista da frequência e participação nas atividades específicas, quanto com as pesquisas e ativismo político.

Em todos os momentos tomo como elementos facilitadores (ou estimulantes) deste processo, além dos conteúdos apreendidos, as relações de amizade que se formavam, fortalecendo entre nós grandes laços de solidariedade.

Naquela época também, além da lamentável perda do Mestre Pastinha (1981) a nossa sociedade vivia um período de transição do regime militar, totalitário, para a abertura política democrática, e eu (como outras pessoas do grupo) estava bastante envolvida com a política do chamado Movimento Estudantil, sendo aquele um momento muito complexo.

Isto também produzia conflitos no grupo de capoeira. Muitas coisas combatidas no plano político tiveram que ser re-significadas no entendimento da tradição, e aqui me refiro principalmente a uma construção positiva do entendimento de autoridade conciliada com a não aceitação do autoritarismo. Uma vez transposto este entendimento, posso

dizer que a Capoeira Angola esteve e está presente em minha vida situando a minha existência em dois blocos bem compactados: antes e depois da capoeira!

Não sou e não somos (as mulheres da minha geração) as primeiras mulheres alunas destes mestres. Ao contrário, estes já haviam ensinado para outras mulheres antes de nós, quando moraram no Rio de Janeiro. Isto significa dizer que muitas mulheres queriam praticar capoeira e procuraram entrar nos grupos existentes. Infelizmente poucas conseguem reunir condições favoráveis à sua permanência.

É aqui que podemos pensar a maior de todas as conquistas da mulher na capoeira: à despeito de tudo (e às vezes de todos), permanecer!!

É relevante afirmar que durante este período estivemos inseridas num contexto de construção de uma visão política sobre a capoeira (diferente das visões desportivas e/ou folclóricas), e isto nos mantinha em contato permanente com debates sociais, buscando entender seus alcances e seus limites: tradição, modernidade, autoridade, autoritarismo, preconceitos, racismo, machismo, etc. No nosso caso, até por termos sido da “diretoria” do Grupo (Conselho Deliberativo), podemos manifestar com mais liberdade nossos pensamentos, ainda que nem sempre acatados. Neste caso sempre buscamos compreender para além da nossa “educação formal” e/ou da formalidade dos nossos envolvimento políticos, a existência de um campo de conhecimento pautado em valores tradicionais que impunham outros conteúdos na relação discípulo-mestre, com novos modelos de autoridade. Apenas compreender.

Fato é que a própria capoeira sempre foi muito forte em nossas vidas, e isto pode ser percebido ao longo de todos estes anos de dedicação (quase que exclusiva) a ela.

Uma outra coisa importante, é que quando comecei a praticar capoeira, existiam tão poucos grupos de Capoeira Angola que não havia muito “estranhamento” sobre a nossa presença. Some-se a isto o fato de estarmos “confinadas” no Centro Histórico de Salvador (Forte de Santo Antonio Além do Carmo, atual Forte da Capoeira), um lugar desprezado pelos poderes públicos e pela população em geral, sendo uma das regiões mais marginalizadas da cidade.

Também a Capoeira Regional já era hegemônica naquele período e já contava com um número significativo de mulheres inseridas em sua prática. Isto nos tornava quase invisíveis dentro da capoeiragem. Este quadro começa a mudar no momento em que passamos a atuar politicamente com a capoeira, tanto do ponto de vista interno (defendendo seus fundamentos e história de lutas), quanto externo (buscando seu reconhecimento público na história da resistência negra no Brasil). Para além das especificidades da capoeira, naquele momento tinha grande valia nossas trajetórias políticas e atuações junto aos movimentos sociais e universidades.

Tudo isto também produziu transformações dentro do próprio GCAP.

Hoje, percebo que a nossa geração vem produzindo mudanças significativas dentro da Capoeira Angola, e mais que atingir ou afetar seus fundamentos, isto a tem fortalecido. O que existe de novo é a possibilidade de grupos distintos dialogarem, realizarem eventos a partir de determinado tema, permitindo-nos entender que prevalece mesmo, na prática, é a linguagem que cada comunidade adota para “gerenciar” estes mesmos *fundamentos*. Porque isto reflete a identidade de cada grupo/comunidade, ao mesmo tempo em que vimos formando capoeiristas mais críticos e tolerantes diante do relativismo de “verdades” fossilizadas.

Aqui, é muito importante entendermos o papel desempenhado pelas mulheres neste processo. Eu não estou simplesmente falando de maneira metafísica, ou por abstrações da *ânim*a e/ou de uma tal “feminilidade”. Ao contrário, falo da força e dedicação destas mulheres para conciliar suas dificuldades pessoais e transpor barreiras históricas para adentrar num mundo prioritariamente masculino como o da capoeiragem e, nele, tecer (no sentido mais complexo do termo) novas redes de convivência e de pertença. Neste ponto, estamos falando de uma reestruturação na “cultura” do e da capoeira. Estamos dizendo também que não é possível defender alguns direitos sociais e deixar de fora outros. Que os processos democráticos só são possível a partir das bandeiras de equidade, de igualdade no acesso aos direitos.

Estamos, em último (ou primeiro?) caso, falando da Capoeira Angola como um importante instrumento de transformação social. Se isto faz mexer em sistemas de privilégios históricos (como racismo, branquitude, machismo, etc)...ótimo! Nenhuma sociedade precisa mais disto. Nenhum ser humano necessita viver nestas bases de exclusão e violência.

Então, se dizemos que a Capoeira Angola está voltada para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, temos que repensar condutas (individuais e coletivas) para se relacionar com estes direitos, sem discriminar mulheres, homossexuais, crianças, idosos, etc, sabendo que estes processos discriminatórios quase sempre se manifestam não apenas pela eliminação explícita, mas se utiliza de “artimanhas” sofisticadas que as neutralizam, reduzem e invisibilizam...quando não eliminam...

Hoje em dia existem muitas tentativas de neutralização das falas femininas tomando como argumento o fato da capoeira ter sido “formatada” historicamente dentro de um universo masculino. Dizem alguns: “antigamente não existiam mulheres e agora elas querem falar de tradição e conquista de espaços”, como sendo uma contradição.

Ora, contradição é não entender o dinamismo das tradições, porquanto reelaboram o tempo histórico vivenciado. Se hoje existem muitas mulheres praticando capoeira significa a existência de um contexto histórico em que as lutas destas resultaram na diminuição de espaços segregados entre

homens e mulheres. Significa que mudanças estruturais mais amplas foram acontecendo e que a capoeira, conectada à realidade do seu entorno, não poderia ficar de fora.

É simples.

Complexo é refletir criticamente o lugar dos privilégios históricos. Complexo é não entender que lutar por igualdade é benéfico ao mundo que buscamos construir. Complexo é ser (como diziam os antigos) democrático de “meia pataca”.

Complexo e difícil é retomar os valores que formavam os *fundamentos* da resistência angoleira num plano de construção igualitária e pautada na solidariedade. É difícil porque o cenário mundial aponta novas conquistas, com valores nem sempre tão educativos.

O cenário mundial impõe noções mercadológicas que fazem flutuar valores e estruturam linhas de competitividade para as quais teimam em nos dizer: *vocês estão fora do lugar de vocês...* Aqui não importam ao menos saber se são estes também os nossos projetos, nossos sonhos.

Enfim, apesar de tudo isto sou uma pessoa bastante otimista e acredito que assim como outros movimentos sociais (a exemplo do movimento feminista e do movimento de mulheres negras) nós também, mulheres capoeiristas, teremos a necessidade de percorrermos caminhos nem sempre muito harmônicos, até porque ainda não nos conhecemos e, portanto, não temos muito bem formulada a dimensão da força que representamos, sobretudo se estivermos organizadas.

Para isto será necessário não repetir nem reproduzir as coisas que criticamos e, sobretudo, pensarmos e acreditarmos que estamos fortalecendo as bases mundiais da capoeira e que mais uma *estética* angoleira é possível.

Felicidade, mulheres!

Janja

Verão de 2006 - São Paulo/Brasil

Ano Internacional da Mulher

Capoeirista

www.nzinga.org.br